

## **Religião e educação: um breve relato do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona**

### *Religion and Education: a brief account of the philosophical thought of Agostinho de Hipona*

**Flávia Paim Kunzler**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
[pedalouca@hotmail.com](mailto:pedalouca@hotmail.com)

**Aparecida Favoreto**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
[cidafavoreto@globocom](mailto:cidafavoreto@globocom)

---

#### **Resumo**

O presente artigo tece considerações acerca da compreensão de Agostinho sobre a relação entre educação e religião. Para isso, com base em algumas obras de Agostinho e alguns intérpretes de seu pensamento, busca-se verificar quais são suas concepções de homem, alma, conhecimento, intelecto, razão e de educação e como estas estão relacionadas ao seu modo de compreender a religião cristã e a sociedade. Esta análise também considerou importante refletir sobre o autor em relação ao seu tempo. Por fim, concluiu-se que a proposta educacional de Agostinho, ao se firmar na fé, no amor e na santidade, correspondia à tentativa de dar uma formação ética, como modo de dar resposta aos problemas sociais do período que sofria com as incertezas do declínio do Império Romano e invasões bárbaras. Uma reflexão que pode trazer elementos para pensar o debate atual sobre o Ensino Religioso.

**Palavras-chave:** Agostinho. Educação. Religião e Sociedade

---

#### **Abstract**

This article discusses Augustine's understanding of the relationship between education and religion. For this, based on some works of Augustine and some interpreters of his thought, he seeks to verify what are his conceptions of man, soul, knowledge, intellect, reason and education and how these are related to his way of understanding religion and society. This analysis also considered important to reflect on the author in relation to his time. Finally, it was concluded that the educational proposal of Augustine, by standing firm in faith, love and holiness, corresponded to the attempt to give an ethical formation, as a way of responding to the social problems of the period that suffered with the uncertainties of the Decline of the Roman Empire and

barbarian invasions. A reflection that can bring elements to think the current debate on Religious Education.

**Keywords:** Augustine. Education. Religion and Society.

---

## **Introdução**

A relação entre religião e educação, é um daqueles temas que gera discussões nos mais variados campos filosóficos e do conhecimento. Alguns autores clássicos da filosofia, tais como Agostinho de Hipona (354- 430), tiveram uma grande influência no debate sobre o papel da religião na formação do indivíduo e na organização social.

Contudo, se no período de Agostinho a religião predomina na educação e em todos os aspectos da sociedade, com o declínio da sociedade feudal e o advento do capitalismo, o ensino religioso foi perdendo espaço, principalmente no ensino escolar. Entretanto, no sistema de ensino brasileiro, o Ensino Religioso quase sempre esteve presente enquanto que na atualidade se manifesta como um daqueles temas polêmicos.

Retornar a Agostinho nos possibilita refletir sobre como se constitui o debate em torno da educação religiosa. Olhar para esse passado, nos permite lançar feixes de luz para refletir sobre o presente. Deste modo, verificar quais eram os aspectos sociais que Agostinho buscava responder e quais eram os fundamentos teóricos de sua perspectiva social e educativa nos permite refletir com mais segurança sobre a atualidade, amenizando os efeitos dos discursos acalorados, que muitas vezes vogam pela religião para tentar encobrir seus interesses pessoais.

Neste trabalho, por intermédio da leitura de algumas obras de Agostinho e de alguns intérpretes de seu pensamento, intenciona-se verificar quais eram suas concepções de homem, alma, conhecimento, intelecto, razão e de educação e como estas estavam relacionadas ao seu modo de compreender a religião e a sociedade. Para fazer tal análise, consideramos importante refletir sobre Agostinho em relação ao seu tempo.

## **Agostinho: fundamentos da sua filosofia**

Agostinho de Hipona, também conhecido como Santo Agostinho, nasceu em 354 em Tagaste, hoje chamada Souk-Ahrás, situada na atual Argélia, no Norte da África e

morreu em 430 em Hipona, atual Annaba – Argélia. Também foi em Hipona que Agostinho foi ordenado padre e em 395 consagrado Bispo.

A história de vida de Agostinho é marcada pela conversão ao cristianismo, fato que também marca sua produção intelectual a qual busca responder suas preocupações em relação ao valor da vida e os dilemas filosóficos enfrentados pela Igreja de seu tempo. Nesse aspecto, no processo de desestruturação do Império Romano, invasões dos chamados povos Bárbaros e oficialização do cristianismo como religião do Império Romano do Ocidente<sup>1</sup>, Agostinho com base na filosofia de Platão, produziu importantes reflexões sobre a condição humana e a existência de Deus.

Nesse processo, marcado pelo ambiente de luta e de transição do pensamento pagão para o cristão, Agostinho se coloca contra o pensamento pagão e lança os fundamentos da filosofia cristã, a qual deu tônica ao modelo da educação patrística que predominou durante o período da Alta Idade Média<sup>2</sup>.

No geral, as obras de Agostinho, buscam fundamentar as novas definições e conceitos sobre o homem, o sentido da vida, o conhecimento, a verdade, a fé, a educação, a origem do poder, o livre-arbítrio, o caminho histórico da humanidade e etc. Todas essas questões, além de muitas outras, expressam não só uma nova compreensão do ideal educacional, mas contém novas compreensões do que é o homem e o mundo, as quais fundamentaram o pensamento não só de uma religião, mas de uma civilização. É por isso que para compreender a educação em Agostinho, antes é necessário compreender o que é Deus, o homem, o conhecimento, a sociedade e o sentido da vida para ele.

Em todas as suas obras, Agostinho parte do princípio que Deus é criador de todas as coisas, é onipresente e onisciente. Então, tudo se deve a Deus e está intimamente ligado aos desígnios divinos. Na obra *Confissões*, Agostinho narra sua trajetória de vida: infância, adolescência e maturidade e nesta obra, juntamente com um louvar a Deus, ele confessa sua vida de “erros” e mostra a importância de seu encontro com as escrituras cristãs. A obra revela a influência da filosofia de Platão, a qual, associada aos

---

<sup>1</sup> Em 312 d.C o Imperador Romano Constantino I adotou a religião Cristã e em 380, por decreto do bizantino Teodoro I, o cristianismo torna-se religião oficial no Império Romano.

<sup>2</sup> O período conhecido como Alta Idade Média ocorre entre os séculos V e VIII *De Magistro* escrita em 389, *Confissões*, escritas entre 397-401 e *Cidade de Deus*, escrita entre 412 e 427.

ensinamentos cristãos, passa a ser explicação do que é a verdade, a iluminação divina, alma, santidade, tornando-se um paradigma da estrutura filosófica do cristianismo. Assim, a religião para Agostinho não eram só os templos, mas uma forma de vida que a sociedade deveria se estruturar.

Na busca da compreensão do que seja essencial na vida do homem, Agostinho se preocupa em compreender a origem e o destino do homem, buscando distinguir o que é permanente e eterno do que é mutável. Neste sentido, a obra *Confissões* afirma que o homem é criação divina e Deus, quando fez o homem, o fez segundo sua “imagem e semelhança” isso, entretanto, não torna o homem igual ou superior a Deus. Ao contrário, Deus o fez como ser inacabado, o qual apenas detém os princípios latentes para atingir a perfeição. Neste caso, Deus dotou o homem de razão e inteligência, devendo ele buscar o verdadeiro sentido da vida, ou seja, a vida eterna, atingida após a morte de uma vida sagrada. Logo o homem como uma das melhores criações divinas, deve obedecer aos preceitos divinos, com respeito e fé. Segundo Agostinho:

Eu não era digno de que Vós me concedésseis a existência. Contudo, eis que existo por um gesto de vossa Bondade, que precedeu tudo aquilo de que me fizestes. Não tivestes necessidade de mim para nada, nem sou um bem tão valioso que de mim Vos possais ajudar, meu Senhor e meu Deus. Não sou homem que, com os meus serviços, Vos possa aliviar, como se Vós sentísseis fadiga no trabalho. Nem o vosso poder diminui, se carecer das minhas homenagens. Se Vos não prestar culto, não sucede como à terra, que fica inculta se o lavrador a não cultivar. Devo sentir- Vos e honrar- Vos para que a felicidade me venha até mim de Vós, de quem recebi a existência e a aptidão para gozar o bem (Conf<sup>3</sup>., XIII, 1 apud. LIMA; FERREIRA, 2012, p.23)<sup>4</sup>

Em termos gerais, Agostinho acredita que o homem toma consciência da ordem em que está inserido, porém não se trata de voltar-se ao estudo das obras pagãs, mas, em primeiro lugar, deve confiar em Deus e depois voltar-se às palavras divinas, pois nelas estão os verdadeiros conhecimentos, ou seja, o que é eterno. Para ele, Deus é a razão de tudo.

<sup>3</sup>Abreviatura obra agostiniana “Confissões”.

<sup>4</sup> LIMA. Ricardo Pereira; FERREIRA, Anselmo Tadeu. As particularidades do conceito “alma” no pensamento de Agostinho. Revista Horizonte Científico, vol. 6 Fev.2012. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/14522/11860>. Acesso em 07/01/2017.

Ao Deus que às naturezas por Ele criadas atribuiu os princípios e os fins da subsistência e do movimento; àquele que tem nas mãos as causas das coisas, as conhece e as dispõe; àquele que inspira ao espírito humano, por Ele criado, o conhecimento das artes necessárias ao sustento da natureza e da vida (De civ. Dei<sup>5</sup>, VIII, 30 apud. LIMA; FERREIRA, 2012, p. 23)

### Corpo e alma: a verdadeira inteligência está em Deus

Para Agostinho, o verdadeiro mestre é Deus. Desta forma, o homem deve se desligar das coisas carnis e mundanas e voltar-se ao que é divino. Como se faz isto? Agostinho concebe que o homem aprende pelo “Logos” que, como inspiração divina, permite ao homem conhecer a verdade. Para isto, o homem deve levar uma vida santa e por intermédio da meditação recebe a iluminação divina. Agostinho compreende que as palavras e signos são apenas meios de comunicação que provocam recordações, sendo a verdade uma interpretação vinda da iluminação divina. Neste aspecto, Rubano e Moroz (1996, p. 148)<sup>6</sup>, referindo-se a obra *De Magistro*, esclarecem o que é conhecimento para Agostinho:

Para Santo Agostinho, o conhecimento pode se referir às coisas sensíveis (provenientes dos sentidos) e às coisas inteligíveis (provenientes da razão): ‘*Pois todas as coisas que percebemos, percebemo-las ou pelos sentidos do corpo ou pela mente*’ (*De Magistro*, XII). Em relação as primeiras, os sentidos fornecem imagens que são levadas à memória, imagens essas que são reunidas e organizadas interiormente pelo indivíduo; assim, os sentidos são necessários e imprescindíveis na elaboração desse tipo de conhecimento. (Grifos no original).

Segundo a teoria agostiniana, a inteligência encontra-se na alma. Para ele, a inteligência é também uma faculdade humana, sendo superior às coisas sensíveis provenientes da razão. Para ele, o intelecto é iluminado diretamente pela luz divina, ao passo que a razão, não. (GILSON, p. 96, 2007). Assim, ele afirma que o intelecto passa a ser tido como ponte entre o homem e Deus.

Com efeito, quando a escritura narra que fomos criados, e para mostrar que não somente fomos antepostos, mas também postos a frente, isto é, que nós estamos submetidos: Façamos, disse, o homem a nossa imagem e

<sup>5</sup> Abreviatura da obra agostiniana “Sobre a Cidade de Deus”.

<sup>6</sup> RUBANO e MOROZ. O conhecimento como ato da iluminação divina: Santo Agostinho. In: ANDERY, Maria Amália *et al.* Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, São Paulo: EDUC, 1996.

semelhança, e tenha poder sobre os peixes do mar, sobre os alados dos céus, sobre todos os animais de rebanho e sobre as serpentes que rastejam sobre a terra. (Gen 1, 26). De onde surge tal poder? Devido [sermos criados] à imagem de Deus. Daí que seja dito a alguns em censura: Não sejais como o cavalo e o burro, os quais não têm intelecto. Mas uma coisa é o intelecto, outra coisa é a razão. Pois é certo que temos razão [de algo] antes que nós entendamos [algo]; Mas não podemos entender [inteligir] se não temos razão. (AGOSTINHO, I, II, III apud. LIMA; FERREIRA, 2012, p. 9).<sup>7</sup>

Agostinho também relacionou o intelecto e a sabedoria ao encontro de uma verdadeira vida feliz. Porém, vivendo em um contexto de muita violência diante das invasões bárbaras, para ele, a vida feliz não estava nas conquistas terrenas, mas tal objetivo só pode ser alcançado por meio de virtudes como temperança, prudência, fé, boa vontade.

Tínhamo-nos proposto de procurar a definição do que seja cometer o mal (malefacere). Foi nesse intento que dissemos tudo que precede até aqui. Em consequência, agora é o momento de examinarmos com cuidado se cometer o mal é outra coisa do que menosprezar e considerarmos os bens eternos- bens dos quais a alma goza de si mesma e atinge também por si mesma, e aos quais não pode perder, caso os ame de verdade, e ir em busca dos bens corporais, como se fossem grandes e admiráveis. Bens esses que, experimentado com o corpo, a parte menos nobre do homem, e que nada têm de seguro. Para mim todas as más ações, isto é, nossos pecados podem estar incluídos nessa categoria. Espero que me dê a conhecer o teu parecer e o teu respeito. (AGOSTINHO, O Livre- arbítrio, Livro I, cap. 16, § 34 apud LIMA; FERREIRA, 2012, p. 63)<sup>8</sup>

Diante do declínio do Império Romano e juntamente com ele as leis e o corpo administrativo que as resguardavam, Agostinho busca nas “Sagradas Escrituras” os indicativos do que seria certo e errado. Assim, ele define o que é pecado. Para ele, o pecado consiste no mau uso do livre-arbítrio, o qual pode levar o homem a estabelecer prioridades que não condizem com a interioridade de nossa alma. Portanto, só é possível ter uma vida feliz com liberdade e sabedoria para exercitar, da melhor forma possível,

---

<sup>7</sup> “III. Denique ubi Scriptura narrat quod factus sum, ibi subiungit, ut nos pecoribus non solum anteponat, sed et praeponat, id est, ut eanobis subiectas sint: ‘Faciamus’, inquit, ‘hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et habeat potestatem piscum maris, et volatilium caeli, et omnium pecorum, et serpentium quae repunt super terram’ (Gen 1, 26). Unde habeat potestatem? Propter imaginem Dei. Unde quibusdam dicitur increpando: ‘Nolite esse sicut equus et mulus, quibus non est intellectus’ (Ps. 31, 9). Sed alius dicit intellectus, aliud ratio. Nam rationem habemus et antequam intellegamus; sed intellegere non valemus, nisi rationem habemus.” Citado, traduzido e grifado por Ricardo Pereira Santos Lima e Anselmo Tadeu Ferreira, no artigo “As particularidades do conceito ‘alma’ no pensamento de Agostinho”.

<sup>8</sup> Citado por Citado por PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. Santo Agostinho: proposta de educação cristã e estratégias de ensino; Maringá, 2010- dissertação de Mestrado.

as virtudes que aproximam o homem de Deus. Então, a felicidade não seria encontrada nas coisas mundanas, mas na inteligência, ou seja, aquela que leva o homem ao seu encontro com Deus, aquela que se fixa na essência, no espiritual, no imutável e no imortal. Em um diálogo acerca da superioridade do ser que tem o entendimento por meio de três atributos: o existir, o entender e o viver, Agostinho e Evódio dialogam sobre a inteligência.

Ag. Qual dessas três realidades (existir, viver e entender) parece a ti mais excelente?

Ev. O entender.

Ag. Por que te parece assim?

Ev. Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas. Por que, com efeito, o ser vivo por certo também existe, mas não se segue daí que entenda. Tal é, como penso, a via dos animais. Por outro lado, o que existe não possui necessariamente a vida e a inteligência. Posso afirmar, por exemplo, que um cadáver existe. Ninguém, porém dirá que vive. Ora, o que não vive muito menos entende.

Ag. Então admitimos que dessas três perfeições faltam duas ao cadáver; uma ao animal; e nenhuma ao homem.

Ev. É verdade.

Ag. E admitimos, igualmente, que a melhor das três é a que só o homem possui, juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência, que supõe nele o existir e o viver (AGOSTINHO, O livre-arbítrio, Livro II, cap. 3, § 7 apud. PEINADO, 2010, p. 64).<sup>9</sup>

Como forma de buscar um novo sentido para a vida, Agostinho valoriza a fé em Deus como bem maior, a qual ele traduz para a sua filosofia cristã<sup>10</sup>. Por este ângulo, ele concebe que existam dois mundos, entre os quais está o homem com relativo livre-arbítrio para decidir entre seguir as vontades da vida terrena e/ou buscar os valores relativos à Cidade de Deus. No livro *Cidade de Deus*, escrito entre 412 e 427, ele ratifica a existência da luta do bem e do mal no universo, fornecendo alguns elementos teóricos para justificar a superioridade do sagrado sobre o profano e, conseqüentemente, a subordinação do poder do Estado ao poder da Igreja. No que se refere a esta ideia de universo presente na filosofia agostiniana, Rubano e Moroz (1996, p. 150), destacam:

<sup>9</sup> PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. Santo Agostinho: Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino. 2010. 377p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá- 12/04/2010.

<sup>10</sup> Agostinho tratou dessa temática nas obras: A Doutrina Cristã; O livre- arbítrio e A instrução dos Catecúmeno: teoria e prática.

Santo Agostinho defende, ainda, a ideia da existência de uma outra realidade, celestial, que denomina cidade de Deus, a qual seria edificada pelos eleitos. Segundo Franco Jr. (1986), a concepção de cidade de Deus guarda relação com o mundo das ideias de Platão, uma vez que contrapõe a existência de uma realidade concreta, terrena, imperfeita à de uma realidade transcendente, espiritual, perfeita. Na cidade Terrena, o homem é o cidadão, e a Igreja representa, encarna, a cidade de Deus, devendo, por isso, governar e ter supremacia sobre o Estado. Sendo os representantes de Deus na Terra, os chefes da Igreja cometeriam erros, ao contrário dos governantes. (Ortografia atualizada).

Demonstrando a decadência do antigo Império Romano, Agostinho coloca nos chefes da Igreja (o Papa, os Bispos e etc.) o poder de interferir na administração da cidade dos homens. Segundo ele, todo poder vem de Deus e a ele deve voltar-se. Da mesma forma, presumindo que toda verdade e justiça estão em Deus, afirma que as leis que organizam os homens, devem vir de Deus, sendo os dez mandamentos da Bíblia Sagrada o princípio de todas as coisas. Assim, na obra *Cidade de Deus*, ele apresenta aspectos da lei e justiça divina e complementa que de todas as leis, uma unificava todas as demais, que para ele seria o amor. Ele estabelece, portanto, um tratado de ética, um plano de convivência, o qual, para ele, se resume no amor a Deus e ao próximo. (PEINADO, 2010, p. 37).

Presumindo Deus como bondade, ele destaca que os danos sofridos pelo homem são oriundos da vida terrena e não de Deus. Compreendendo a vida terrena como um mundo cheio de enganos, enfatiza que o homem deve voltar-se a Deus e tudo aceitar e esperar em Deus. Ou seja, em um período de desestruturação de uma era, Agostinho aconselha que o homem seja pacífico e que todos se unam num só amor, o amor de Deus a todos.

A defesa do amor como bem maior está relacionada à compreensão de Agostinho sobre o homem em seu todo: corpo e alma. Noutros termos, para ele o homem por inteiro não se resume ao corpo, mas é constituído também pela alma. Aliás, compreende que a alma está unida ao corpo e o corpo só existe como ser, quando dotado de alma. Neste sentido, a alma é “substância dotada de razão, apta a reger um corpo” (AGOSTINHO, 1997, p. 67). Da mesma forma, considera a alma como um elo entre o

homem e seu Criador, sendo ela quem “anima” o corpo e causa “desenvolvimento” no homem. (AGOSTINHO, 1995, p. 92) <sup>11</sup>.

A alma é considerada a beleza do corpo, do mesmo modo que Deus é a beleza da alma. Isso não significa dizer que o corpo, enquanto matéria, é concebido por Santo Agostinho como um elemento mal. Como a materialidade humana também é uma criação de Deus, e como tudo que é feito por Deus é visto como sendo bom, o corpo é considerado, assim como a alma, bom, apesar de ser inferior a ela. (SOUZA; MELO, 2009, p. 2458)<sup>12</sup>

A importância dada à alma, não implica desconsiderar o corpo. Ao contrário, Agostinho defende que é importante cuidar do corpo, mas tal cuidado está relacionado à morada da alma, compreendida como aquela que vincula o homem ao seu Criador. Desta forma, não se trata da luxúria e do conforto da vida mundana, mas de manter o corpo santo para que ele seja a morada de Deus e não do mal.

[...] a alma humana unifica e mantém na unidade este corpo terreno e mortal, não permite que se debilite nem permite que se consuma, faz com que os alimentos se distribuam entre seus membros equitativamente dando a cada um o que merece, conserva sua proporção e limite no que se refere não só a sua beleza senão também seu crescimento e reprodução (De civ. Dei<sup>13</sup>, VII, 23, 1 apud. LIMA; FERREIRA, 2012, p. 25).

Um exemplo da importância da alma para Agostinho pode ser percebida no pretense diálogo que o mesmo estabelece com a Razão. Conforme trecho retirado da obra “Solilóquios”:

Agostinho – Fiz minha oração a Deus.  
Razão– Então o que desejas saber?  
A – Tudo o que pedi na oração.  
R – Faze um breve resumo de tudo.  
A – Desejo conhecer a Deus e a alma.  
R – Nada mais?  
A – Absolutamente nada (AGOSTINHO,1998, p. 21).

A ênfase na alma, na fé cristã e, portanto, no amor, são defendidos por Agostinho como bem superiores, os quais deveriam estar presentes em todos os aspectos sociais, inclusive na educação.

<sup>11</sup> Neste sentido, a alma tem sua manifestação enquanto princípio de sensibilidade, de inteligência, de sabedoria, sendo ela, substância espiritual. Por isso, ela é fonte de vida. (OROZ; GALINDO, 1998, p. 371).

<sup>12</sup> Artigo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE/ III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia/ PUCPR.

<sup>13</sup> Abreviatura, “Sobre a Cidade de Deus”.

## Fundamentos da educação religiosa

No que tange à educação, a obra *De Magistro* é muito importante, pois segundo ROSA (2009), nesta obra concentram os preceitos cristãos pelos quais Agostinho desejava educar seu filho Adeodato, que estava com 16 anos. Uma obra que representa os princípios e objetivos da educação patrística. Desta forma, Agostinho defende a importância de desenvolver o sentimento interior de cada um para a bondade, a santidade e fé em Deus.

Para Agostinho, tais objetivos educacionais correspondiam ao que ele compreendia como essência humana, pois o homem só estará completo se reencontrar seus princípios latentes, ou seja, se for elevado à imagem e semelhança de seu criador, o que significa: amor, perdão, humildade, aceitação, privação dos bens materiais e do prazer carnal e etc. Tudo isso seria feito em nome da fé na vida eterna, o Bem Supremo. Por isso, a educação e a vivência da fé propostas por Agostinho, baseiam-se na contemplação, a qual busca no interior de cada um, o que é verdadeiro.

Quando, porém, se trata daquelas coisas que contemplamos com a mente, isto é, com o intelecto e a razão, falamos sem dúvida das coisas que contemplamos naquela luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se chama 'homem interior'. Mas ainda nosso ouvinte, se também ele as vê com o olho secreto e simples, conhece o que digo não pelas minhas palavras, mas por sua própria contemplação. Por conseguinte, tampouco a este, que intui a verdade, nada o ensino dizendo coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas, que são evidentes porque Deus as manifesta interiormente. (AGOSTINHO, I, XII, 40 apud. LIMA; FERREIRA, 2012, p. 9).

Em suma, a filosofia agostiniana compreende a educação como um elemento importante para aproximar o homem de sua real razão de existência, ou seja, o Deus eterno, verdadeira razão de todas as coisas. Desta forma, para que a educação cumpra seu papel, ela deveria se distanciar das coisas relativas à vida mundana, e vincular-se ao conhecimento das coisas divinas. Assim, na obra *Cidade de Deus*, ele lamenta ter recebido a educação mundana, a qual não havia ensinado o que seria realmente útil:

Ó meu Deus, meu Deus. Que de misérias e enganos não experimentei então, Quando se me propunha a mim, menino, como norma de bem viver, obedecer aos que me admoestavam a brilhar neste mundo, e sobressair nas artes da língua, com as quais pudesse lograr honras humanas e falsas riquezas. Para

este fim puseram-me na escola, para que aprendesse as letras, nas quais eu, miserável, desconhecia o que havia de útil (AGOSTINHO, 1964, p. 51).

Neste caso, a educação deveria priorizar a ciência da filosofia cristã e não as ciências profanas. Aliás, para ele, em todos os aspectos, a educação deveria voltar-se para as coisas da fé, até porque, a fé viria antes do conhecimento. Noutras palavras, para Agostinho, antes de tudo, era necessário “crer para conhecer”. A fé, para Agostinho, era a ligação do homem com Deus e esta era a luz interior da verdade. A fé também implicaria ações de bondade, de humildade, de aceitação e de santidade, o que contribuiria para o homem assemelhar-se a Deus.

Então, presumindo que o verdadeiro conhecimento estava nas coisas celestiais, Agostinho compreende que o ensino das obras divinas, da vida de Cristo e dos Santos seria realmente útil. Sendo assim, Agostinho desejava legitimar a supremacia do conhecimento da Igreja, de forma a dotar o ser humano para ser capaz de contemplar o universo, como um texto carregado de significações que revelam o sentido da vida com fé em Deus. Para o filósofo, tais conhecimentos, além de aflorar a essência humana, contribuiriam com a salvação da alma, que para ele, era o sentido único da existência humana e elo do homem com seu criador.

Situado em um contexto de dissolução do Império Romano, as palavras de Agostinho, enquanto busca desfazer a antiga cultura romana, traz uma nova possibilidade de organização social e uma nova relação do homem com o universo. O pensamento antigo que colocava o homem no centro das coisas estava sendo substituído pelo teocentrismo, enquanto a Igreja Feudal vai firmando a nova estrutura do edifício social.

### **Considerações finais**

Muito já foi dito sobre Agostinho e seu ideal filosófico, bem como sua perspectiva educacional, entretanto ao retomarmos alguns aspectos de sua filosofia, abre-se a possibilidade de se refletir sobre o debate educacional atual.

Partindo do que foi exposto no trabalho, é possível concluir que a defesa de educação religiosa de Agostinho, ao ser fundamentada filosoficamente, possibilita compreender que seu entendimento de educação não se isola em um conteúdo disciplinar. Ao contrário, trata-se de uma concepção de educação que se relaciona a uma

determinada concepção de homem e de mundo, a qual busca dar sentido à vida em um contexto de transição social.

É, portanto, importante grifar que a proposta educacional de Agostinho, ao se firmar na fé, no amor e na santidade, correspondia à tentativa de dar uma formação ética a um momento que sofria as incertezas do declínio do Império Romano e convivia com as invasões bárbaras. Seu pensamento correspondia a uma tentativa de dar resposta aos problemas sociais do período. Sendo assim, suas palavras não se resumem aos ditames desta ou daquela religião, mas são expressões do movimento da história.

O pensamento religioso cristão sempre esteve presente na história da educação Brasileira. Em parte, ele se constituiu pela herança advinda da cultura europeia, mas também, se fez no movimento da história brasileira, revelando especificidades diante dos problemas enfrentados em cada época histórica. Por exemplo, no contexto da colonização, no declínio do poder católico na Europa, os jesuítas centraram forças na catequização dos índios em busca de novos fieis. Na construção da Segunda República, em meio ao clima de Guerras e desestruturação da economia cafeeira, Padre Leonel Franca defendeu a Cruz de Cristo como princípio unificador da educação e da moral<sup>14</sup>. E, ainda hoje, este debate está vivo, visto que, na atualidade, segmentos do pensamento cristão, em nome da defesa da família e da neutralidade política, retomam o debate sobre o conteúdo e o Ensino Religioso nas escolas.

Toda essa reflexão contribui para pensarmos sobre o debate atual, porém, não como forma de dar resposta direta, mas apenas no sentido de problematizar. No caso, verificando que a proposta educacional de Agostinho correspondia a um contexto de transição social, a qual trazia uma concepção de homem, de conhecimento e forma de compreender a sociedade, pergunta-se: qual seria a inquietação que movem as propostas atuais? Possuem elas a mesma base teórica e estrutural dos fundamentos do pensamento cristão?

### **Referências bibliográficas**

AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

---

<sup>14</sup> Sobre o debate educacional brasileiro na década de 1930, consultar Favoreto (1998).

AGOSTINHO. **Sobre a potencialidade da alma**. Petrópolis: Vozes, 1997.

AGOSTINHO. **Solilóquios & A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

CAPORALINI, José Beluci. **Reflexões sobre o essencial de Santo Agostinho**. Maringá: Clichetec, 2007.

FAVORETO, Aparecida. **Uma análise histórica da concepção de progresso no projeto educacional de Anísio Teixeira**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1998.

GILSON, E. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2007.

LIMA, Ricardo Pereira.; FERREIRA, Anselmo Tadeu. **As particularidades do conceito “alma” no pensamento de Agostinho**. Revista Horizonte Científico, vol. 6 Fev.2012. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/14522/11860>. Acesso em 07/01/2017.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. **Santo Agostinho: Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino**. 2010. 377p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá- 12/04/2010.

### **Sobre as autoras**

#### ***Flávia Paim Kunzler***

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Paranaense (2008). É aluna regular do Programa de Mestrado em Educação: área de concentração : sociedade, estado e educação. Linha de pesquisa: História da Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Cascavel. Tem experiência na área de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

#### ***Aparecida Favoreto***

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (1993), especialização em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (1996), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (1998) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, história, sociedade, ciência e historiografia.

---

Artigo Recebido em Setembro de 2017.  
Artigo aceito para publicação em Novembro de 2017.